

Perspectivas afrocentradas de ensino em comunicação: relatos de experiência docente¹

Afro-centered perspectives of teaching in communication: teaching experience reports
Perspectivas afrocentradas de la enseñanza en comunicación: informes de experiencia docente

Geisa Rodrigues

Universidade Federal Fluminense
<geisarodrigues@id.uff.br>

Pedro Henrique Conceição dos Santos

Universidade Federal Fluminense
<pedrohenrique.cdossantos@gmail.com>

Resumo

Este trabalho reúne as experiências de práticas docentes e discute sobre perspectivas afrocentradas de ensino na área da Comunicação Social. A partir dos relatos apresentados, a partir de um recorte espaço temporal – da disciplina ministrada pelos autores no ano de 2020, na Universidade Federal Fluminense –, pretendemos analisar a importância e a urgência dos temas étnico-raciais na formação de graduandos da área, tanto em relação ao mercado de trabalho quanto à formação acadêmica. Com o avanço de políticas públicas que dirimiram as desigualdades socioeconômicas no Brasil, como é o caso das cotas raciais em universidades, percebemos a necessidade de um outro aprofundamento dentro do ambiente do Ensino Superior: temas, disciplinas, bibliografia e professores negros.

Palavras-chave: Educação superior afrocentrada. Ensino em Comunicação. Experiência docente.

Abstract

This work brings together the experiences of teaching practices and discusses Afrocentric perspectives on teaching in Social Communication. From the reports presented, from a space-time cut – from the discipline taught by the authors in 2020, at the Fluminense Federal University –, we intend to analyze the importance and urgency of ethnic-racial themes in the training of undergraduates in the area, both in relation to the job market and academic training. With the advancement of public policies that reduced socioeconomic inequalities in Brazil, as is the case of racial quotas in universities, we realized the need for another deepening within the University Education environment: themes, disciplines, bibliography, and black professors.

Keywords: Afrocentric university education. Teaching in Communication. Teaching experience.

Resumen

Este trabajo reúne las experiencias de las prácticas docentes y discute perspectivas afrocéntricas sobre la enseñanza en el área de la Comunicación Social. A partir de los relatos presentados, a partir de un corte espaciotemporal – de la disciplina impartida por los autores en 2020, en la Universidad Federal Fluminense –, pretendemos analizar la importancia y urgencia de las temáticas étnico-raciales en la formación de estudiantes de grado en el área, tanto en relación con el mercado laboral como con la formación académica. Con el avance de políticas públicas que redujeron las desigualdades socioeconómicas en Brasil, como es el caso de las cuotas raciales en las universidades, nos dimos cuenta de la necesidad de otra profundización en el ámbito de la Educación Superior: temas, disciplinas, bibliografía y profesores negros.

Palabras clave: Educación superior afrocéntrica. Docencia en Comunicación. Experiencia en la enseñanza.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Introdução

Este trabalho reúne as experiências de práticas docentes que visam colocar em debate os diversos temas relacionados ao par “étnico-racial” no curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Porém, antes de discutir sobre perspectivas afrocentradas no ensino comunicacional, é preciso dar um passo para trás e resgatar o que é “ensinar Comunicação Social”. Em outras palavras, como estão configuradas as nossas maneiras de ensino-aprendizagem da Comunicação, a partir de um breve histórico sobre a formação de nossa área como ciência(s).

Como área de conhecimento que nasceu a partir da necessidade do mercado, uma vez que foi a partir das práticas atreladas aos meios de comunicação que a nossa área científica se desenvolveu por meio de cursos profissionalizantes (FRANÇA, 2001, p. 48), a Comunicação sempre esteve ao lado do mercado. Uma das primeiras vertentes teóricas de nossa área foi a da *Mass Communication Research* (Pesquisas de Comunicação de Massa), datada da década de 1920, que foi fundamentalmente criada a partir de encomendas para saber a opinião pública sobre diversos assuntos, principalmente políticos. Aliás, é importante frisar como o par Comunicação/Informação contribuiu para a naturalização das ideologias neoliberais do mercado financeiro, como é o caso da ideologia capitalista do bem-estar humano (SODRÉ, 2014). Estes aspectos acabam sendo reproduzidos no âmbito da produção científica de nossa área.

Em um dos poucos trabalhos que realizaram um levantamento da produção cien-

tífica de nossa área, Lopes (2014) apresenta que entre os “modelos clássicos” da Sociologia² – considerados matrizes para diversas áreas das Ciências Sociais e Aplicadas, entre elas a Comunicação – há uma predileção pelos dois primeiros em detrimento do último. Longe de um juízo de valor, esta predominância é, de acordo com a pesquisadora,

responsável pelo caráter conservador tanto das teorias (redução do nível de análise, formalização de conceitos, abandono das preocupações com clássicos) quanto dos métodos de investigação (refinamento dos procedimentos quantitativos) e dos temas selecionados (problemáticas não substantivas) dentro do padrão de produção científica na América Latina. (LOPES, 2014, p. 50).

O que Lopes (2014) quer dizer com “caráter conservador” está atrelado a um posicionamento peculiar daquele momento histórico, diferente do “conservadorismo” contemporâneo que vivemos. O conservadorismo que a pesquisadora está discutindo é sobre como a pesquisa de Comunicação pensa a própria comunicação como um objeto para vender, ou seja, está relacionado ao funcionalismo da Comunicação. Ainda que a fonte seja a mesma – os valores neoliberais –, o conservadorismo contemporâneo como onda está relacionado a práticas e teorias que têm ampliado as desigualdades sociais, por se tratar de um fenômeno que amplia a acumulação de capital por parte de poucas pessoas e reduzindo a relevância do

2 Representados pelo funcionalismo presente no trabalho de Durkheim, o weberianismo e o marxismo.

Estado (AZEVEDO JUNIOR, 2020), mas sobretudo se caracteriza pela manutenção de valores e sistemas tidos como “tradicionais”, promovendo, assim a manutenção das desigualdades raciais e de gênero.

Com este preâmbulo, gostaríamos de destacar alguns pontos. Em primeiro lugar, que existe um conservadorismo não apenas temático, mas principalmente teórico, dentro da área da Comunicação. O que acaba por impedir a diversificação de seu quadro teórico e de produção científica. Conforme apontamos, dentro da configuração da Comunicação como ciência, temos três modelos sociológicos, a saber, o funcionalismo, o weberianismo e o marxismo. Para além de pensar na efetividade e legitimação de um ou outro modelo, nos interessa pontuar tratar-se de modelos europeus, reproduzidos como os valores matriciais de nossa área.

Desta forma, reproduzem o que Aníbal Quijano classifica como a colonialidade do saber, envolvendo processos históricos de apagamento de saberes de povos não brancos. Segundo Maldonado-Torres, a colonialidade deriva de padrões de poder oriundos do colonialismo histórico que fundamentou a modernidade desde o século XVI. Se movimentos de independência dos países americanos ao longo do século XIX procuraram dar cabo ao colonialismo, entretanto, valores e ideologias originados no período colonial prevaleceram e se mantiveram, se tornando presentes no próprio conceito das nações em formação (MIGNOLO, 2005).

O imaginário do mundo moderno/ decolonial surgiu da complexa articulação de forças, de vezes escutadas ou apagadas, de memórias compactas

ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado, que suprimiram outras memórias, e de histórias que se contaram e se contam levando em conta a duplicidade de consciência que a consciência colonial gera. (MIGNOLO, 2005, p. 37-38).

O processo de formação das nações latino-americanas como parte do “hemisfério ocidental” (MIGNOLO, 2005) envolveu a manutenção dos valores europeus por parte de seus descendentes nas Américas. Neste sentido, são perpetuadas relações de poder em que se estabelecem modelos de diferenciação interna entre brancos (ainda que envolva muitas vezes mestiços) e não brancos (indígenas e negros). A criação das universidades, como parte componente do processo de legitimação dessas nações, em geral se baseou em modelos de saber que têm como projeto a manutenção dessas desigualdades. Em 1934 é criada a primeira universidade brasileira, a Universidade de São Paulo (USP), “[...] tendo a pesquisa como sua função principal com a intenção de utilizar a ciência como instrumento para a retomada do status econômico da elite paulistana.” (BRITO; SANTOS, 2018, p. 107). As universidades brasileiras nascem a partir deste mesmo modelo, com base num formato profissionalizante e direcionado para uns poucos privilegiados. Dentro dessa perspectiva, os cursos de Comunicação começam a se estabelecer após algumas décadas, e a pesquisa seguiu a configuração apontada por Lopes, como observado anteriormente.

No entanto, isso não significa que não existam tentativas de inserção de outras formas de pensamento, que estão fora

desse tripé fundador. Mesmo que os modelos clássicos ainda orientem em grande parte a percepção teórico-metodológica e disciplinar dos cursos de Comunicação, a necessidade de disciplinas que dialoguem com as realidades sociais dos estudantes de graduação da área tem se mostrado cada vez mais urgente. Com a ampliação da presença de alunos pretos e pardos nas universidades federais por meio das cotas raciais, as realidades e perspectivas destes alunos, quando em contato com os textos, metodologias e abordagens tradicionais colocaram em xeque o viés crítico e político

do conteúdo programático das disciplinas, bem como das pesquisas desenvolvidas. A preocupação não surgiu a partir da universidade, uma vez que não se trata de uma preocupação com o conteúdo programático. A adequação surge a partir da pressão, questionamentos e estranhamentos por parte dos alunos que, ao se inserirem no campo universitário, perceberam as discrepâncias entre o que é ensinado e a realidade de suas vidas, de suas vivências, as quais não estavam – e convém afirmar que ainda não estão – sendo relevadas nos conteúdos teóricos abordados em sala de aula.

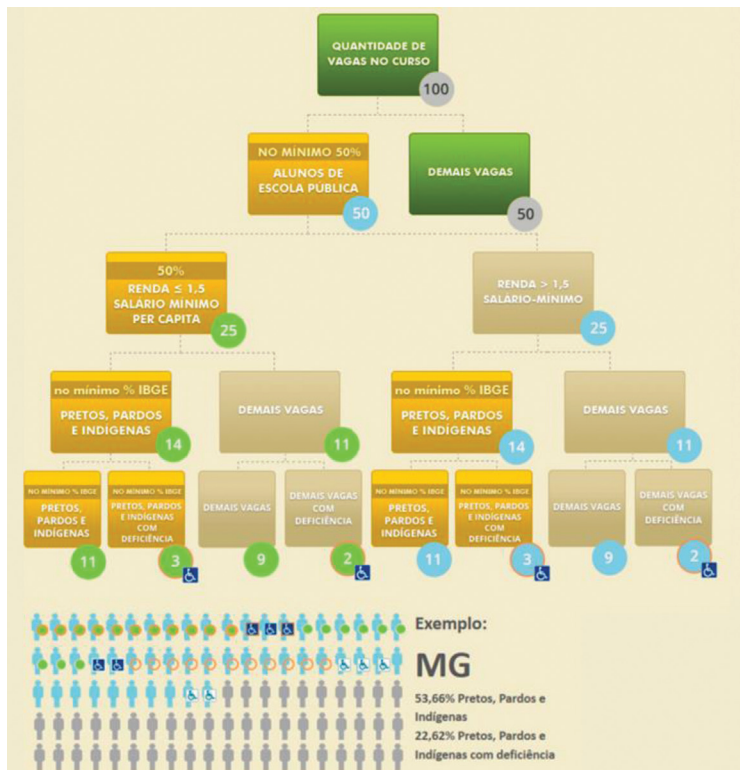


Figura 1 - Distribuição de vagas em cursos de graduação de universidades federais

Fonte: UFF, 2019.³

3 As Cotas nas IFES. UFF. 2019. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=cotas-nas-ifes>. Acesso em: 18 ago. 2022.

Essa mudança ocorreu devido à mudança da distribuição de vagas ofertadas no Ensino Superior de universidades federais no Brasil (BRASIL, 2012). De acordo com a Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012, a distribuição é feita de acordo com: (1) proveniência do estudante ingressante (50% das vagas são destinadas a quem fez o ensino médio em instituição pública de forma integral); (2) 50% dessas vagas são destinadas a quem pertence à família que ganha até 1,5 salário-mínimo *per capita*; (3) das vagas destinadas aos alunos que frequentaram o ensino médio em escolas públicas, uma porcentagem é destinada para pessoas pretas, pardas e indígenas, de acordo com a proporção nas federações onde se encontram as instituições;⁴ (4) Por fim, há a divisão de vagas também entre pessoas; (5) ainda há vagas que são reservadas para pessoas com deficiência. A Figura 1 ilustra como são distribuídas estas vagas.

Com a promoção de Ações Afirmativas – que segundo Feres Júnior et al. (2018) pode ser definido como “todo programa, público ou privado, que tem por objetivo conferir recursos ou direitos especiais para membros de um grupo social desfavorecido, com vistas a um bem coletivo” (FERES JÚNIOR, 2018, p. 13) –, ampliou-se a diversidade de grupos sociais que frequentam a universidade federal. É a partir destes contextos que buscamos ensaiar propostas de perspectivas afrocentradas de ensino na área da Comunicação Social como formas de estabelecer uma abordagem decolonial, capaz de gerar rupturas nos modelos tradicionais de pesquisa.

As mudanças que se efetivaram no curso de Comunicação Social a partir de 2012 são notáveis. Entretanto, os alunos ingressantes e advindos de realidades menos privilegiadas que a dos perfis de alunos dos anos anteriores e depararam com inúmeros desafios. Desde a permanência na universidade, até a adaptação a um universo que sempre foi alheio às suas vivências – não há professores negros no curso, a bibliografia é basicamente eurocêntrica e branca, os horários dos cursos ignoram as demandas de transporte e trabalho etc. –, as dificuldades foram se evidenciando ao longo dos anos e expondo a própria inadequação das universidades públicas. No caso do curso de Comunicação Social as problemáticas se agravam também pelo histórico do campo da comunicação midiática como o espaço de criação e manutenção de formas coloniais de saber e poder.

Os desafios na renovação de currículos em prol da ampliação do escopo do ensino-aprendizagem na área da Comunicação passam pelo viés do cuidado teórico-epistemológico que dê conta da realidade dos estudantes universitários e ao mesmo tempo ofereça um conteúdo crítico às estruturas dominantes e práticas excludentes para sua formação. Desta maneira, a partir dos relatos sobre as disciplinas ministradas pelos autores entre os anos de 2020 e 2021, na Universidade Federal Fluminense, pretendemos analisar a importância e a urgência dos temas étnico-raciais na formação de graduandos da área, tanto em relação

4 Essa porcentagem é levantada a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019 (IBGE, 2019), cerca de 57% da população brasileira é formada por pessoas não-brancas (pretas, pardas, amarelas ou indígenas).

ao mercado de trabalho quanto à formação acadêmica. Com o avanço de políticas públicas que visam dirimir as desigualdades socioeconômicas no Brasil, como é o caso das cotas raciais em universidades, percebemos a necessidade de um outro aprofundamento dentro do ambiente do Ensino Superior: temas, disciplinas, bibliografia e professores negros.

Disseminando

Em 2018, a partir de demandas surgidas em disciplinas voltadas para questões de gênero, foi criada a disciplina “Comunicação e feminismo negro”, ministrada pela professora Geisa Rodrigues. Visando ampliar as discussões levantadas em sala de aula, foram programados debates que deram origem ao projeto de extensão “Dissemina: perspectivas afrocentradas de raça e gênero na Comunicação e na Cultura”, coordenado pela mesma professora. Este projeto atualmente envolve a realização de oficinas afrocentradas em escolas de segundo grau e projetos educativos, oficinas voltadas para o público discente e profissionais, bem como campanhas temáticas nas redes, a alimentação de canais de informação e comunicação e a promoção de eventos, debates e seminários sobre o tema.

Em 2019 foi criado o grupo de pesquisas “Laboratório de estudos de gênero e raças na mídia e nas artes” – ou Dissemina Lab –, a partir de demandas e participação de alunos de graduação do curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF) e de pós-graduação vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da mesma instituição (PPGMC/UFF). Desde então, o grupo de

pesquisas vem se dedicando à reflexão sobre temáticas relacionadas à representatividade negra na mídia e às estratégias para combater as estruturas coloniais nas narrativas midiáticas. Sob a coordenação da professora Geisa Rodrigues, foram realizados inúmeros encontros – tanto presenciais quanto virtuais – para a discussão de pesquisas de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso de Comunicação Social, trabalhos de pós-graduação e debates sobre textos de intelectuais negras e negros.

Convém observar que todas as ações e pesquisas são planejadas e lideradas por alunos negros de graduação e pós-graduação. Com foco na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, a proposta deste trabalho é desenvolver, entre o alunado de Comunicação Social da UFF, formas afrocentradas de se pensar o campo da Comunicação, uma vez que é preciso levar em consideração como a produção midiática reproduz certas imagens sobre pessoas negras. Nesse sentido, o grupo de pesquisa visa romper com a mídia tradicionalmente branca e propõe reflexões críticas a partir de um repertório intelectual afrocentrado. Periodicamente são oferecidas, além das disciplinas teóricas acima exemplificadas, disciplinas vinculadas aos projetos de extensão como “Atividades em projetos de extensão” e “Práticas de extensão”. Neste capítulo nos dedicamos mais especificamente ao estudo de caso da experiência da disciplina ministrada em 2020, “Comunicação e feminismo negro”, visando expor a metodologia empreendida e a repercussão da disciplina por meio de seus produtos. Desta forma, pretendemos fornecer uma orientação aos professores de Comunicação Social acerca de como proceder em uma

disciplina que discuta relações étnico-raciais em nossa área.

Sobre a construção disciplina "Comunicação e feminismo negro" (2020.1)

Em 2019, a professora Geisa Rodrigues convidou os discentes de pós-graduação Pedro Henrique Conceição dos Santos e Monique Paula para fazerem parte da disciplina "Comunicação e Feminismo Negro" como estagiários docentes, no primeiro semestre de 2020. O planejamento da disciplina foi realizado, inicialmente, no início de 2020. No esboço do projeto pedagógico, pensamos na importância de certas temáticas, consideradas fundamentais para cobrir o escopo da disciplina. A princípio, dividimos as áreas temáticas principais em temas que já vinham sendo discutidos em edições anteriores da disciplina, mas agora acrescentados da perspectiva de pesquisa de dois estudantes negros de pós-graduação, bem como das discussões levantadas no grupo de pesquisas no ano anterior, a saber: foco nas questões históricas mais gerais envolvendo o histórico da mulher negra na sociedade brasileira, depois adentraríamos para as questões e reivindicações do movimento negro feminista e por fim encerraríamos abordando mais especificamente a relação entre essas questões e a representação/representatividade da mulher negra na mídia.

No entanto, esse planejamento teve que ser revisto em sua extensão e conteúdo teórico, principalmente. Em março de 2020, foi decretada a pandemia de Covid-19, uma doença que afeta o sistema respiratório, provocada pelo vírus SARS-CoV-2 (BRASIL, 2021). Esse fato mudou completamente a

relação da população mundial com o espaço social. Houve a necessidade do isolamento social, para prevenir que a infecção se espalhasse ainda mais. No âmbito da educação, houve a necessidade de suspender as aulas presenciais. Por se tratar de um fenômeno atípico, não havia sido pensada uma solução imediata para as questões relacionadas ao ensino. As aulas foram adiadas até o segundo semestre de 2020, quando parte das universidades – incluindo a Universidade Federal Fluminense – optou por retornar às aulas em um modelo remoto. Partindo do modelo estipulado – de até 30% da carga horária da disciplina podendo ser realizada em tempo real, ou seja, de forma síncrona –, as aulas foram divididas em: (1) aulas síncronas, encontros realizados através da plataforma digital de sala de aula Google Meet; (2) aulas assíncronas, com conteúdo disponibilizado pelos professores em diversos tipos de mídias.

Sendo assim, houve a necessidade de adequar a disciplina em outros moldes para que se respeitassem tais medidas. Durante o processo de adaptação até que as aulas *on-line* se iniciassem, duas alunas da pós-graduação demonstraram interesse na disciplina e resolvemos inseri-las como estagiárias: Emanuela Amaral e Lorena Campos. A proposta seria enriquecer a disciplina com as perspectivas de suas pesquisas e experiências, e ao mesmo tempo oferecer um formato diferenciado de experiência e exposição das temáticas para os alunos. O grupo se reuniu e optou por abordar na disciplina 4 temáticas principais: (1) a mulher negra na sociedade brasileira; (2) identidades e representações negras na mídia; (3) feminismo negro; (4) olhares negros na/da mídia: lugares de fala. Nosso principal objetivo com essas quatro

temáticas era proporcionar às nossas alunas e alunos a oportunidade de (re)pensar, coletivamente – uma vez acreditamos que o ensino-aprendizagem não é tributário de uma relação entre “aquele que ensina” e “aquele que aprende”, mas de um processo em que se aprende e ensina ao mesmo tempo de maneira dialógica, como é a perspectiva “educador/educando” de Freire (2021, p. 87-95) –, a relação entre feminismo, negritude e o papel da Comunicação nessa dupla relação. É preciso assinalar, inclusive, que nesta proposição um ponto crucial é a apropriação das formas de comunicativas, analisando-as de maneira crítica, para pensar uma resistência cultural, como nos termos de Cabral (1979), para restabelecer o elo cultural perdido a partir do processo de colonização: “devemos trabalhar muito para liquidar na nossa cabeça a cultura colonial, camaradas” (CABRAL, 1979, p. 72).

Metodologia e prática de ensino na disciplina “Comunicação e feminismo negro” (2020.1)

Foram realizados sete encontros síncronos ao longo da disciplina (respeitando a redução de carga horária proposta pela Universidade), em que foram feitas discussões a partir da bibliografia selecionada para a disciplina e das temáticas selecionadas. Uma de nossas preocupações foi selecionar textos para a disciplina definir como leituras principais textos de pessoas negras, em sua grande maioria apenas mulheres (apenas um texto foi produzido por um homem), como forma de romper a estrutura

colonizada de análises e escopos teóricos fundamentados em autores europeus e norte-americanos brancos. Como é possível perceber pelo conteúdo das temáticas, sempre associamos as três principais matrizes do curso – feminismo, negritude e comunicação –, algo que ficou também refletido nos textos, que foram dos seguintes autores: Lélia Gonzalez, Angela Yvonne Davis, Núbia Regina Moreira, Cidinha da Silva, Djamila Ribeiro, Stephanie Ribeiro, Solon Neto e Patrícia Hill Collins. As discussões dos textos refletiram nas propostas analíticas que estávamos propondo aos alunos, o que possibilitou o enriquecimento das trocas nas discussões nos encontros síncronos.

Mas o material enviado de forma assíncrona não consistia apenas em textos. A professora responsável e os discentes que realizavam estágio produziram vídeos que foram publicados na plataforma YouTube de maneira privada para que os alunos acessassem antes dos encontros síncronos. Para cada uma das temáticas, foram criados vídeos, totalizando onze vídeos publicados: (1) sobre “a mulher negra na sociedade brasileira”, foram produzidos os vídeos “histórico” (Geisa) e “a mulher negra na força de trabalho” (Monique); (2) sobre “identidades e representações negras na mídia”, foram produzidos os vídeos “identidade e representação” (Pedro), “tornar-se negro. O que é ser negro no Brasil?” (Emanuela) e “estereótipos e imagens de controle” (Pedro); (3) sobre “feminismo negro”, não produzimos vídeo, pois se tratava de um debate no encontro síncrono;⁵ (4) sobre “olhares negros na/da mídia: lugares de fala”, foram pro-

5 O encontro síncrono foi gravado mediante solicitação dos alunos da disciplina. Com a permissão dos alunos presentes, o encontro foi publicado de forma não listada no YouTube.

duzidos os vídeos “lugar de fala” (Pedro), “apropriação cultural (parte 1)” (Lorena), “apropriação cultural (parte 2)” (Lorena), “o que é etnomídia?” (Emanuela), “o que é imprensa negra” (Emanuela) e “ativismo político digital” (Monique). Além dos vídeos em formato de aula, outros vídeos e textos na internet serviram como material complementar.

Podemos perceber que há uma preponderância na participação dos discentes em relação à produção de vídeos em formato de aula. Trata-se da maneira como pensamos a disciplina: uma disciplina sobre mulheres negras, para discutir a perspectiva dessas mulheres negras, para que os horizontes de sua participação na Comunicação fossem ampliados, a partir do ponto de vista dos alunos e alunas. Não tratamos apenas sobre os efeitos positivos e/ou negativos da mídia na construção das subjetividades de mulheres negras ou sobre o bom e/ou mau uso de imagens na mídia. Como é afirmado por Hooks (2019), “o desafio crítico para as pessoas negras tem sido expandir a discussão sobre raça e representação” (HOOKS, 2019, n.p.). É a partir dessa perspectiva que, partindo dos olhares negros dos discentes de pós-graduação que atuaram como estagiários e na interação e troca com a turma (com uma expressiva proporção de cerca de 45% de alunos negros), o curso pode se aprofundar estético-politicamente tanto em termos das trocas intelectuais com pesquisadores que se engajam nos temas, como a partir de trocas afetivas, envolvendo a experiência da docência: não se trata apenas de garantir a participação dos estudantes de pós-graduação, mas principalmente de oferecer uma perspectiva de pertencimento aos próprios alunos. já que inexistem professores negros entre os pro-

fissionais efetivos do curso.

Esse aspecto é ainda mais presente quando se trata da aproximação estabelecida entre Monique Paula e os estudantes de graduação. Monique colocou em prática duas ideias importantes: a de “educador-educando” de Freire (2021) e de “lugar seguro” de Collins (2019). Enquanto Freire (2021) fala sobre o caráter crítico de ensino, na construção de um espaço em que o desenvolvimento do conhecimento não cumulativo e bancário – ou seja, que o conhecimento é construído coletivamente e não “do professor para o aluno” –, Collins (2019) fala sobre a necessidade de espaços – como na arte – em que mulheres negras utilizavam para conseguirem se autodefinir, ou seja, (re)existir. Na época mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF), Monique incentivava as alunas e alunos a apresentarem seus pontos de vista sobre as discussões, sugerindo que opinassem sobre os assuntos, ainda que não tivessem lido os textos ou assistido aos vídeos. Para além de um espaço confortável, as pessoas percebem que há a oportunidade de serem ouvidas. A escuta é a morada da fala dos outros, afinal, “só o escutar possibilita ao outro falar” (HAN, 2022, n.p.).

Dentro desse conjunto, foram desenvolvidas uma série de atividades para auxiliar os discentes da graduação no processo da disciplina. Foram realizadas quatro atividades através da ferramenta Google Classroom, em que: (1) as três primeiras (1ª um texto discutindo sobre a mulher negra na sociedade brasileira; 2ª identificação de estereótipos de mulheres negras na mídia; 3ª um texto articulando o conceito de lugar de fala com a questão da apropriação cul-

tural) constituíram o primeiro grupo avaliativo; (2) a última atividade (produção de um podcast de sete até quinze minutos ou vídeo de seis até dez minutos, a partir de temas pré-selecionados – (a) a mídia e seu papel na formação histórica dos estereótipos negativos da mulher negra; (b) apropriações das causas feministas negras pela mídia hegemônica; (c) ativismos em redes de mulheres negras na contemporaneidade – principais bandeiras; (d) imprensa negra no Brasil: histórico e exemplos; (e) vozes insubmissas: narrativas negras e femininas) constitui o segundo grupo avaliativo.

Resultados da disciplina “Comunicação e feminismo negro” (2020.1)

É importante assinalarmos essa divisão no método avaliativo para a construção de um ensino-aprendizagem que consiga respeitar os limites dos alunos. Em um primeiro momento, foi pensada a realização de cinco atividades para compor o primeiro grupo de avaliações, o que tornava a participação efetiva na disciplina mais cansativa. Ainda que as universitárias e universitários se sentissem bem e satisfeitos com a disciplina, precisávamos adequar as avaliações à realidade do período remoto. Decidimos reduzir as atividades e oferecer uma perspectiva que demandava menos esforço, para ampliar o aproveitamento da disciplina.

Gostaríamos de chamar a atenção para os trabalhos finais de disciplina, uma vez que se tornaram produtos de comunicação. O for-

mato de podcast tem chamado a atenção do público, principalmente durante a pandemia de Covid-19, por ser um conteúdo em áudio que pode ser facilmente acessado e ouvido, uma vez que você pode realizar outras atividades enquanto escuta. Esse trabalho foi bem recebido pelos alunos, que se sentiram confortáveis em produzir um material audio-gravado ao invés de um texto corrido – como um artigo – ou em formato de seminário. A partir dos temas sugeridos previamente, foram produzidos mais de dez trabalhos finais. Gostaríamos de destacar dois deles, que foram publicados no site do Dissemina, na aba podcast: (1) “Escrevivências, vozes insubmissas narrativas negras e femininas”,⁶ em que as alunas Nadyne Madureira, Mayara Oliveira e Nathalia Santos discutem sobre as produções artísticas feitas por mulheres negras, pensando em seu impacto na cultura, na sociedade e na arte; (2) “Estereótipos de mulheres negras na mídia ao longo do tempo”,⁷ elaborado pelas alunas Cléo Ribeiro, Hemilly Bastos e Victória Monteiro, que fala sobre as origens dos estereótipos de mulheres negras na mídia a partir de exemplos e críticas de intelectuais negras. Ambos tratam sobre o ponto de vista das mulheres negras e sua reivindicação para serem ouvidas e lutar por suas próprias representações.

Considerações finais

Ao longo de nosso texto, buscamos demonstrar a importância do ensino afrocentrado no campo da Comunicação. Como

6 Escrevivências, vozes insubmissas narrativas negras e femininas. Dissemina. 2022. Disponível em: <https://uffdissemina.wixsite.com/home/podcast/episode/49ae2b74/escrevivencias-vozes-insubmissas-narrativas-negras-e-femininas>. Acesso em: 31 ago. 2022.

7 Estereótipos de mulheres negras na mídia ao longo do tempo. Dissemina. 2022. Disponível em: <https://uffdissemina.wixsite.com/home/podcast/episode/4037d9ff/estereotipos-de-mulheres-negras-na-midia-ao-longo-do-tempo>. Acesso em: 31 ago. 2022.

principal contribuição, nosso relato de experiência tem por objetivo promover a extensão daquilo que era almejado com a oferta de vagas destinadas a pessoas pretas e pardas nas instituições federais de Ensino Superior: não basta a presença de alunos afrodiáspóricos, há a necessidade de estabelecer diálogos para promover uma visão antirracista e, principalmente, decolonial. A Comunicação, enquanto área de conhecimento, ainda está amarrada com uma perspectiva epistemológica centrada na reflexão europeia, através da tríade base advinda da sociologia – a saber, Marx, Weber e Durkheim. Nossa proposta, longe de abandonar o uso de uma bibliografia que abarque outros teóricos, visa ampliar o horizonte teórico, apostando na possibilidade de articulação com obras escritas por intelectuais negras e negros.

A partir do estudo de caso da disciplina “Comunicação e Feminismo Negro” – ministrada no curso de Comunicação Social/UFF durante o período de aulas do primeiro semestre de 2020, segundo o calendário acadêmico da Universidade Federal Fluminense –, apresentamos um modelo que articula a aplicação do pensamento teórico-metodológico e epistemológico de uma série de nossas referências com o desenvolvimento de uma disciplina voltada para

discussões sobre o grupo de pessoas que estruturou a sociedade brasileira: as mulheres negras. Ao invés da reprodução de uma certa “dificuldade de encaixar intelectuais afrodiáspóricos”, demonstramos não apenas como há conteúdo a ser discutido no âmbito comunicacional, mas a importância dessa discussão na vida dos alunos – e, em larga medida, pensando em uma atitude alicerçada no antirracismo.

Nossa metodologia e prática de ensino foi mediada pelas dificuldades apresentadas por conta do ensino remoto. A modalidade de ensino remoto não era comum e não houve um preparo prévio em larga escala, principalmente entre os estagiários docentes. No entanto, foram pensadas soluções que conseguiram, criativamente, desenvolver reflexões e produtos que se basearam nas discussões em sala de aula. Portanto, através de uma série de ações pedagógicas escolhidas pelos docentes da disciplina, cada qual a sua maneira, conseguimos abrir novos caminhos para um projeto de Educação Superior mais compreensivo, diverso e igualitário. Acreditamos que nossa discussão poderá servir como um norte para o desenvolvimento de disciplinas voltadas para as discussões étnico-raciais em cursos de Comunicação Social no Brasil.

Referências bibliográficas

AZEVEDO JUNIOR, A. DE C. *Zeitgeist À Direita: O Viés Neoliberal Dos Movimentos Conservadores E Sua Influência Na Definição de Políticas Públicas*. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 14, n. 3, p. 8-30, 5 set. 2020.

BASTOS, Larisse M.; SANTOS, Georgina G. dos. *Colonialidade do saber e universidade no Brasil: a necessária promoção da justiça cognitiva*. *Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul*, v. 2, n. 1, 2018, p. 105-112, 2018.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 18 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a Covid-19?**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 31 jul. 2022.

CABRAL, Amílcar. **Análise de alguns tipos de resistência**. Bolama, Guiné-Bissau: Imprensa Nacional, 1979.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política de empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERES JÚNIOR, João *et al.* **Ação afirmativa**: conceito, história e debates. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2mvbb/pdf/feres-9786599036477.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 77. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019. (versão digital)

IBGE. Características gerais dos domicílios e dos moradores 2019 – PNAD contínua. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf. Acesso em: 17 ago. 2022.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MALDONALDO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar; 2007.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

UFF. As Cotas nas IFES. **UFF**. 2019. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=cotas-nas-ifes>. Acesso em: 18 ago. 2022.

 Data de recebimento: 19/11/2022

Data do aceite: 15/12/2022

Dados dos autores

Geisa Rodrigues

Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense desde 2003. Doutora em Letras pela PUC-Rio (2011) e Mestra em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (2002). Coordenadora do Laboratório de Pesquisa Sobre Gênero e Raça na Mídia e nas Artes - Dissemina-Lab - fundado em 2019.

Pedro Henrique Conceição dos Santos

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF) e bolsista CAPES. Mestre em Comunicação (PPGCOM/UFF) e Produtor Cultural (UFF).